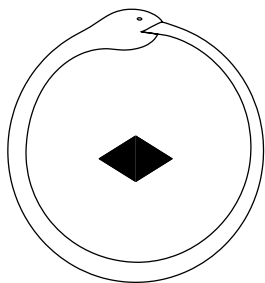


ÁGUAS TRANSFRONTEIRIÇAS

Moisés Piyãko



cadernos
SELVAGEM



ÁGUAS TRANSFRONTEIRIÇAS

Moisés Piyãko

*Este caderno traz a fala de Moisés Piyãko, gravada em 29 de maio de 2026, na Aldeia **Apiwtxa**, às margens do Rio Amônia, na Terra Indígena do **Kampa** do Rio Amônia, no Acre. A fala de Moisés é o oitavo [Recado Selvagem](#) e pode ser acessada [aqui](#).*



Bom, eu sou Moisés Piyãko, **Ashaninka**, daqui da **Apiwtxa**, município Marechal Thaumaturgo, no Acre. É um pouco longe de todo mundo, a gente mora bem na fronteira do Brasil com o Peru. E aqui onde nós moramos é um lugar onde nós já teve patrões também, teve fazenda de gado... E nós conseguimos em 1992, quando foi demarcado nossa terra¹, nós começamos a olhar ela como nossa, esse espaço, porque antes era como do patrão. Então, nós trabalhava para os patrões também.

1. A demarcação da Terra Indígena **Kampa** do Rio Amônia foi homologada em 24 de novembro de 1992. Saiba mais em: [Terra Indígena Kampa do Rio Amônia](#) | [Terras Indígenas no Brasil](#).

E, nessa época, que a gente tirou o documento da terra, nós começamos a olhar que nós estava trabalhando também para os patrões, como terra dos patrões. E aí começamos a olhar para a terra como nossa e fomos olhar o que era preciso cuidar. A partir daquele momento, já que a gente tinha conseguido a terra, nós passemos três anos nos reunindo assim, toda semana nós fazia uma reunião. E, às vezes, duas reuniões por mês, era assim. Nós passemos o ano todo para discutir. Nós passemos a olhar tudo o que tinha dentro da nossa terra ainda, o que tinha restado. E o que precisava a gente repor. Reflorestar. Reflorestar foi uma dessas partes que hoje nós temos aqui. Esse lugar foi todo reflorestado, que era uma fazenda. A manutenção dos rio: como cuidar dos rio? Olhando os peixes que estava escasso, as espécies que não tinha mais. Hoje ainda tem espécie de peixe que não tem.

Nós conseguimos olhar também o manejo da caça dos quelônios² do rio, que, naquela época, era pegado para vender tudinho. E, quando a gente conseguiu a terra, nós fomos fazer uma pesquisa: quantos quelônios ou tracajás³ nós tinha? Nós só tinha 30 matrizes em todo nosso território. Então, dessas 30 matrizes nós conseguimos trabalhar para reproduzir para 10 mil, que foi solto no rio. Então, isso foi um resultado muito positivo, que nós fiquemos muito feliz, todo mundo, de ver aquele bichinho nascer, de cuidar dele, depois soltar ele no ambiente dele e ver depois eles crescendo e começar a botar ovos de novo. Então foi um trabalho muito bonito que nós fizemos.

Dessa maneira nós passemos a olhar a importância de cada coisa. Hoje, a gente conseguiu equilibrar tudo isso. Olhando a parte das águas, a necessidade de cuidar das águas é maior. Se nós pudesse cuidar da água do mundo inteiro, nós cuidaria. Mas nós, de certa forma, nós estamos cuidando aqui do formato nosso, desse pequeno espaço que a gente tem. O nosso espaço era bem mais amplo. Era tudo isso aqui, essa floresta sem habitação do homem branco, como fala. O nosso povo vivia tudo isso. O nosso povo **Ashaninka** conhece a Amazônia todinha. Ele anda.

Para mim, quando eu comecei a ficar grande, ele começava a falar, começava a falar da Amazônia, dos rio grande, e eu ficava admirado:

2. Quelônios agrupam todas as formas de tartarugas identificadas no mundo.

3. Tracajá é como os cágados são chamados na região amazônica.

“Poxa, quanta água que tem para lá!”. Os bichos diferente que tinha. Nós temos muita água boa e eu queria conhecer também. Hoje a gente consegue olhar que essa riqueza, que eles falavam para mim quando eu era pequeno, está toda sendo afetada, está toda sendo prejudicada. Para nós parecia que estava bom, mas quando eu saí daqui, da primeira vez, da minha comunidade lá para fora, para representar nossa comunidade, para olhar o mundo lá fora, eu fiquei muito triste, eu chorei. Meu coração ficou inconformado de olhar a desmatção lá para fora como era.

A primeira viagem que eu fui para o Rio de Janeiro foi na Eco-92⁴. E eu fui de ônibus naquele tempo, de Rio Branco para lá. Eu pude ver a quantidade de floresta que foi tirada por uma estrada. Eu fui observando cada coisa. Para mim, eu não conseguia olhar quase nem só a estrada, eu só olhava a desmatção, aqueles rio que foram todo aterrado, aquelas nascente, aquelas águas, aqueles rios que não era aterrado, que era feito uma ponte. Eu fui observando tudo isso. Isso me deixou tão triste.

Foi a partir desse momento que eu comecei, quando eu retornei pra cá, eu chamei meu irmão: “Rapaz, quem quer me acompanhar para fazer uma coisa que o pessoal não está respeitando, que não está vendendo, não está considerando, que é reflorestar.” Aí o Benki⁵ falou: “Meu irmão...”. Eu tinha feito uma viagem para São Paulo já antes. Aí fui para Eco-92 e, quando eu vi, nessa viagem de São Paulo, essa destruição, aí eu levei o Benki. O Benki era bem pequeno. Ele foi na minha responsabilidade, nem documento ele tinha. Para ele ver. Eu queria mostrar para alguém mais, da minha casa, dos meus irmão, que era verdade o que eu estava falando, que ninguém conhecia para lá.

E aí a gente conseguiu. E a gente passou no Rio Tietê olhando aquela podridão naquele tempo, urubu voando lá dentro, comendo carniça. Nossa, que tristeza! Para mim, eu olhei aquele rio como o Rio Amônia⁶, que nós mora, e disse: “Meu Deus, o nosso rio pode chegar a essa situação”. Se nós não cuidar, daqui uns anos o nosso rio está desse jeito aqui, então, para não chegar, nós vamos passar a cuidar dos rio, das nascente, vamos fazer alguma coisa, porque a água é tudo para nós.

4. A Eco-92 foi uma conferência de meio ambiente e desenvolvimento organizada pelas Nações Unidas e realizada em junho de 1992 na cidade do Rio de Janeiro.

5. Benki Piyãko é irmão de Moisés Ashaninka e também é uma importante liderança Ashaninka.

6. O Rio Amônia, grafado como Rio Amônea no registro da Terra Indígena, é um rio que banha o Estado do Acre.



A água é a maior parte do nosso corpo, da nossa matéria... É a maior parte. A mesma coisa é quando você olha para a Terra, o planeta, a água é a maior parte. Mas a água está sendo maltratada, está sendo acabada por tudo isso que estão fazendo. Nosso corpo, se faltar esses 60% ou 50% que nós temos de água nele, ninguém resiste, a gente morre. Do mesmo jeito está sendo a Terra, se essa água baixar, como está baixando -- e nós estamos vendo que está acabando e cada vez ficando mais pouco. Ninguém sabe quanto, eu não sei ainda quanto por cento disso aí garante a vida no planeta. Como está acabando essa água? Ela está acabando onde faz a desmatção das nascentes, onde deixa a terra pelada. Aquela nascente que não estão sendo desmatada, às vezes, mas mais embaixo está o quê? Está a poluição, que está contaminando a água. Então é uma coisa muito triste.

Nós passemos a olhar isso como parte do nosso corpo, como uma ferida muito grande que está acontecendo. E nós trabalha hoje juntando todo mundo, desde os nossos povos mesmo, indígenas, assim, nós estamos fazendo as pessoas entender o que é isso cada vez mais, porque a inocência é tão grande das pessoas que mora ainda dentro da floresta

sem conhecer esse lugar, como eu estava dizendo, que ele nem olha, ele nem sabe o que está acontecendo. Ele não sabe que a água está acabando para lá, porque ainda na nascente dele, dentro da floresta, ainda estava bem a água, a água ainda está correndo. A gente ainda está banhando naquela água, está tomando banho, porque a água é tudo.

Você olha: desde a roupa que você veste quando está suja é a água que lava. Seu calor. Desde a comida, toda sujeira, a água lava. Mas não é porque ela lava tudo, toda essa sujeira, que a gente tem que sujar ela e não cuidar. Nem é a obrigação dela a de limpar. Ela vai lavar e cuidar de tudo isso para manter limpo, se nós também cuidar dela, manter ela limpa para ela poder dar essas condições para nós, de lavar, nos limpar, tudo que a gente precisa.

É muito triste quando essas nascente estão morrendo. Nós olha como nós está morrendo. Um rio é como um povo. Um rio, quando está morrendo nessa poluição, é como um povo que está morrendo dentro dessa destruição que estão fazendo com a natureza, pela ligação que ele tem com ela. Ele está se acabando, está morrendo. E a gente não tem para onde correr. E a gente tem perna ainda para andar. E você imagina um rio, uma nascente: ela está lá no cantinho dela. De lá ela cuida de todo mundo, mas ela não vai correr para outro canto. E se você não entende, você acaba com ela. E que água vai correr no rio? Não tem outro lugar. A chuva que a gente vê vem tudo disso aí. É um giro que ela faz através das plantas e de todo esse sistema que *Pawa*⁷ deixou para nós. *Pawa* é Deus. Então, ele deixou esse sistema todinho para a gente cuidar.

E, hoje, essa água que, por exemplo, nós temos no Rio Amônia... Antes, na época da seca, ela não esquentava muito e hoje está esquentando, porque o Sol está mais quente. Estou falando isso, porque eu consegui passar exatamente nessa mudança tão forte que teve nos últimos anos. O Sol está esquentando tanto. Há 30 anos, eu conseguia ficar o dia todinho no Sol quente. Hoje, todo mundo reclama, nem as crianças mais consegue. As pessoas pode dizer: “Não, porque naquele tempo você era criança, tinha mais energia e tudo...” Mas não. Hoje mesmo a criança também não está conseguindo. E se você fica no Sol, queima. Tem plan-

7. *Pawa* é o Deus criador *Ashaninka*. Sobre ele, Moisés dedicou o caderno *Selvagem Pawa, o criador Ashaninka*.

tas aqui que, nessa época, queima. A folha fica queimada, como está queimando no fogo, entendeu? Essa temperatura está afetando a água, está matando o peixe, a água esquentada, na época de seca aqui, e o peixe morre sufocado. É muito triste.

Quando a gente olha tudo isso e a gente avalia, vendo que era para estar tudo perfeito do mesmo jeito. Mas nós somos responsáveis, nós somos responsáveis. Nós, seres humanos, somos responsáveis por isso tudo que está acontecendo. Não tem como a gente dizer que não, que não é. Porque o que é perfeito, feito pelas mãos de *Pawa*, que foi entregue à gente, nós estamos destruindo. Esse perfeito está começando a virar o mal, mas esse mal é nós que estamos criando. Sim, também tem muitas coisas boas nesse mundo já trabalhado, pensado. Mas, para conseguir essas coisas boas está sendo conseguido de mau formato.

Nós temos que escolher um formato para que possamos valorizar também a parte que a gente ignora, que é a principal para nossos corpos, como a água, a terra, a floresta. Tem muitas coisas boas que o mundo de vocês estão fazendo também. Está aqui, isso aqui. Eu estou aqui, sentado na escada, na beira do rio, onde sobe para minha casa. Mas daqui,



essas máquinas pode me levar para o mundo inteiro sem eu precisar sair daqui. Para mim é uma coisa que eu admiro muito também. Até onde chegou tudo isso.

Mas não vamos esquecer também das nossas águas. Como nós não pode fazer tudo isso para cuidar dessas águas, para não faltar no mundo inteiro também. Porque o mundo inteiro precisa dessas águas. O mundo inteiro bebe água. A terra do mundo inteiro precisa de água também para manter tudo o que ela sustenta para nós se alimentar. Então, vamos cuidar! Vamos fazer isso ter uma garantia. Vamos fazer nós mesmos ter essa garantia para se autossustentar. De tudo isso, de um formato mais verdadeiro, de amor.

Vamos fazer esse ato que traz essa ligação, essa integração, porque nós somos terra também. Nós somos tudo isso. Nós pisa toda essa terra, mas depois essa terra vai comer nós também, nós vamos virar a terra também. Então nossa matéria é terra. O que a terra não vai pegar, e o que de nós não vai ser transformado em terra, é o nosso espírito só, mas o resto tudo é terra. Por isso que nós trabalha desde a água como nosso corpo. Nós trabalha a terra como nosso corpo, a floresta como parte do nosso corpo, então, tudo que tem na natureza, porque nós somos isso, nós somos matéria, como eles. Só o nosso espírito que não, aí não é matéria, ele é um espírito. Ele é um comando invisível, mais forte, mais poderoso. Porque nós precisamos acessar esse espírito para entender como funciona esse sistema que **Pawa** deixou, para que nós possamos garantir a nossa matéria por um tempo maior.

Eu falo isso porque eu vivo isso. Eu não falo porque escuto de outro, eu falo porque vivi, vivo, e vou continuar vivendo até quando **Pawa** permitir. Eu quero viver 400, 500 anos. Eu quero ver isso acontecer, esse entendimento que eu estou falando. Porque, para mim, essa vida, ela tem um começo, ela tem um fim. Ela tem um significado. E esse significado, todos nós temos que entender a razão de a gente estar vivendo, por que nós estamos vivendo aqui. Nós não manda em nada disso. Nós não somos donos de nada disso. Então vamos zelar por isso, porque nós somos passageiro. Nós estamos passando, como essas águas que estão passando aqui para servir todo mundo aí para baixo.

Nós estamos passando também para ajudar os outros, é a mesma coisa. Então, essa aqui é a maior universidade do mundo. Onde está o sistema de vida todinho conectado.

Vamos trabalhar para fazer coisas boas juntos. Vamos unificar esse sentimento e esse entendimento que a gente é tudo isso, é a água, é a terra, é a floresta, é tudo esse vento que a gente respira aqui. Porque é invisível, ninguém vê, pode dizer: ah, ele não sofre, não. Talvez não sofra, mas o que ele pega e joga para a gente é o resultado de nós mesmos que estamos fazendo. Nós aqui sofre consequência do outro lado do mundo também, do que eles estão fazendo lá, as bombas que está sendo jogada, as química que vêm trazida pela fumaça, pela chuva que cai aqui trazendo essas química, nós estamos sendo muito prejudicados. Está tudo mudando. Mas isso vai mudar até quando? Continuar mudando sem ter um paro, né? Então, nós temos que começar a frear esse avanço que está. Porque, se não frear, não vamos ter mais água, não vamos ter mais vida. Vai acabar.

Eu não quero morrer por esse defeito, entendeu? Eu não quero morrer carregando essa carga na minha costa que eu estou destruindo o meu próprio ser, que eu estou destruindo esse jardim tão belo, esse paraíso que *Pawa* deixou para nós. Eu quero levar a lembrança disso como eu cuidando disso, eu ajudando carregar e zelar por isso aqui, como minha casa, como minha vida, como a vida de todo, olhando cada um que está aqui dentro. Olha esses pássaros passando gritando, cantando. Isso tudo é a vida, isso tudo faz parte de a gente estar vivendo. Então tudo tem importância, tudo depende.

Aqui tem uns bichinhos que nós chamamos mucuim⁸, bem pequeninha. Tem muita gente que acha aquele bichinho ruim: “Ai, que coça e não sei o quê!” Mas aquele bichinho também faz parte das nossas vidas. Não é por acaso que ele está aí. É uma academia todinha da alimentação de cada um para chegar até onde nós estamos, que cada um cuida de uma parte. Eles cuidam de uma parte que nós não cuida, que nós não sabe olhar, eles enxergam, ele consegue ver. E todos esses precisam de água. Então é completa. A água é a vida.

8. O mucuim, ou micuim, é a forma como é chamada a fase larval do carrapato-estrela, *Amblyomma*, e outras espécies parecidas.

Por isso que hoje nós estamos unificando as comunidades que estão aqui nessa fronteira onde a gente está morando, nessa comissão que nós chamamos transfronteiriça⁹. Nós estamos olhando toda essa fronteira da nossa terra aqui onde está mais afetado, e nós queremos trabalhar com o governo para nós ter esse espaço para cuidar. Se o governo não sabe cuidar disso aí, nós queremos que ele entregue essa responsabilidade para nós, nas nossas mãos, para que nós possamos trabalhar, nós possamos cuidar para servir ele mesmo. Então, para servir todo mundo do país, dele, dos outros países. Nós quer cuidar, nós quer ter nossa responsabilidade. E eu tenho certeza que essa parte não tem outro melhor do que nós para cuidar, não. Somos nós e nós vamos lutar por isso. E eu peço a compreensão de todo mundo, porque isso que nós estamos fazendo, estou fazendo por você também.



9. A [Comissão Transfronteiriça Juruá / Yurúa / Alto Tamaya](#) é uma rede formada por povos e organizações indígenas e não indígenas que atuam em defesa da sociobiodiversidade na fronteira entre o Brasil e o Peru.

MOISÉS PIYÃKO

Moisés Piyãko é um respeitado xamã e liderança do povo *Ashaninka* e conhecedor das tradições espirituais de seu povo. Moisés mora na aldeia *Apiwtxa* localizada às margens do Rio Amônia, no Acre. A aldeia *Apiwtxa* é composta por cerca de 800 pessoas pertencentes ao povo *Ashaninka* que vivem na Terra Indígena *Kampa* do Rio Amônia, município de Marechal Thaumaturgo, Estado do Acre, Brasil.

Moisés e seus irmãos, Francisco Piyãko, coordenador da [Organização dos Povos Indígenas do Rio Juruá \(OPIRJ\)](#), Benki Piyãko e Wewito Piyãko, também lideranças do povo *Ashaninka*, são reconhecidos mundialmente por seu trabalho em *Apiwtxa* para regenerar, restaurar e proteger os ecossistemas e povos da Floresta Amazônica, tendo recebido diversos prêmios, incluindo o Prêmio Equatorial das Nações Unidas em 2017 e o Prêmio Newton em 2018.

Para ver mais participações de Moisés Piyãko na Associação Selva-gem, [acesse aqui](#).

FOTOS

Carla Maldonado

AGRADECEMOS

Aldeia *Apiwtxa*, Carla Maldonado, Carolina Comandulli,
Comissão Transfronteiriça Juruá / Yuruá / Alto Tamaya,
Letícia Campos e Livia King.

Toda a realização dos Cadernos Selvagem é da equipe Selvagem, com coordenação editorial de Anna Dantes. Este caderno e muitos outros estão disponíveis no site Selvagem em português e várias outras línguas. Mais informações em selvagemciclo.org.br.

Tudo que Selvagem cria é para ser compartilhado gratuitamente. Você pode usar livremente esse material, em parte ou na íntegra, desde que dê créditos à Associação Selvagem e mantenha o acesso gratuito. Para permissões adicionais, escreva para contato@selvagemciclo.org.br.

Gostamos muito de acompanhar a circulação dos materiais Selvagem pelo mundo e, por isso, se usar esse material de alguma forma, convidamos também a compartilhar registros pelo e-mail acima.

Se você deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas: selvagemciclo.org.br/apoie.

Agradecemos!